

# NAS TRAMAS DAS MEMÓRIAS: ANÁLISE DAS MEMÓRIAS DE LÍDERES DA FRELIMO, ENTRE O PASSADO COLONIAL E O PÓS-GUERRA CIVIL

IN MEMORY WEAVE: ANALYZES OF THE MEMORIES OF FRELIMO LEADERS, BETWEEN THE COLONIAL PASS AND THE POST-CIVIL WAR

Mirian Cristina de Moura Garrido<sup>1</sup>

## Resumo

“Depois de Samora Machel, escrever sobre quem?” me diziam os moçambicanos quando lá estive em trabalho de campo. Contudo, a despeito da frase, memórias de diferentes indivíduos que lutaram no processo de independência do país tem emergido e despertado interesses. O presente artigo é parte de minha pesquisa da pós-doutorado, cujo objetivo é analisar as memórias publicadas desses sujeitos e compreender como o processo de independência de Moçambique é construído nesses relatos. Memórias que ganham, também, os contornos do contexto de sua produção, no caso, o pós-guerra civil. Neste artigo, o corpo documental é composto memórias publicadas de Mondlane, Machel, Chissano e Guebuza, nomes centrais na liderança da FRELIMO. A metodologia da pesquisa parte da leitura de historiadores que discutem a produção e análise da memória, tais como: Pereira (2000); Pollak (1992; 1989); e Portelli (1993; 2010). No geral, as análises das fontes permitem observar temas centrais e a mudança desses com o passar do tempo, indício de que as narrativas respondem ao passado rememorado e às questões que se vivencia e enfrenta na arena política; igualmente, observa-se que se colocam enquanto agentes da construção da FRELIMO e consequentemente de Moçambique, as fontes mais recentes atribuem ainda o valor de heróis há Mondlane e Machel e colocam-se enquanto herdeiros dessa tradição (Chissano e Guebuza).

**Palavras-chave:** Moçambique; Escritas de Si; FRELIMO; Independência.

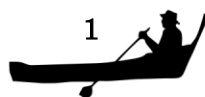
## Abstract

“After Samora Machel, write about who?” The Mozambicans told me when I was there in the field. However, despite the phrase, memories of different individuals who fought in the country's independence process have emerged and aroused interests. This article is part of my postdoctoral research, which aims to analyze the published memories of these subjects and to understand how Mozambique's independence process is built on these narratives. Memories that also gain the contours of the context of their production, in this case, the post-civil war. In the presente article, the documental body are the biography of Mondlane, Machel, Chissano and Guebuza, central names in FRELIMO's leadership. The research methodology follows the historians whom approche memory as a category of analyses, such as: Pereira (2000); Pollak (1992; 1989); e Portelli (1993; 2010). Generally, as the analysis of sources allows to observe central themes and changes in time as they pass in time, indicating that the narratives respond to the past remembered and to the quests that are experienced (and facing the political arena); Likewise, it is observed that construction agents from FRELIMO and consequently from Moçambique were placed, attributing the most recent sources or hero value to Mondlane and Machel and placing them in the traditional heritage (Chissano and Guebuza).

**Keywords:** Mozambique; Self writing; FRELIMO; Independence.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em História pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: miriangarrido@hotmail.com



“Durante a colonização, o colonizado não cessa de se libertar entre as nove horas da noite e seis horas da manhã”  
(FANON. **Os condenados da Terra**. 1968, p.39).

## Introdução

“Depois de Samora Machel, escrever sobre quem?” me diziam os moçambicanos quando lá estive em trabalho de campo em 2016. Líder formado na luta de independência de Moçambique, Machel se tornou o primeiro presidente do país, tendo permanecido no cargo de 1975 a 1986. Carismático e afeito a longos discursos, Samora Machel povoa o imaginário moçambicano e as ruas da capital. Habita na forma de dois monumentos a “Avenida Samora Machel”, um em frente ao Jardim Botânico de Tunduro, o outro na “Praça da Independência”, diante da Câmara Municipal de Maputo. Na praça, toma o espaço que durante o período colonial era fisicamente destinado a memória/estátua de Mouzinho de Albuquerque e a captura do último rei de Gaza, Ngungunhana<sup>2</sup>, em 1895. Este último, símbolo de resistência ao colonialismo e impulsionador de um sentimento de unidade para moçambicanos.

Porém, ainda que Samora Machel ocupe papel central na recordação e na história moçambicana, memórias de outros indivíduos que lutaram no processo de independência do país têm emergido e despertado interesses. O objetivo de meu pós-doutorado é analisar as memórias publicadas desses indivíduos e compreender como o processo de independência de Moçambique é construído nos relatos de sujeitos que participaram da guerra de independência. Igualmente, considero fulcral compreender essas narrativas nos contextos de sua produção e publicação, portanto, no pós-guerra civil, quando FRELIMO e RENAMO institucionalizam-se como partidos políticos e passam a disputar poder nas esferas dos campos institucionais, para além da guerrilha. Assim, a baliza cronológica obedece a publicação das fontes, de 1992 a 2015. Contudo, para o artigo aqui apresentado, trago as considerações sobre as análises de quatro obras (fontes) cujo conteúdo busca apresentar a

---

<sup>2</sup> Isabel Barreto (2011) analisa a construção dos heróis nacionais em Portugal e Moçambique, por intermédio das biografias de Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque e Ngungunhana. Para a autora “trajetórias individuais podem auxiliar na compreensão de conjunturas vividas por uma dada sociedade e do imaginário coletivo criado em volta de certos símbolos alcançados à categoria de nacionais” (Ver: BARRETO, Isabel. “Independência e criação de heróis nacionais: exemplos de Moçambique” **Revista Contemporânea**. Ano 1, no.1). Mouzinho de Albuquerque teria sua elevação ao *status* de herói duas vezes. Se em vida era comemorado pela desarticulação do Estado de Gaza, sul de Moçambique e reduto de uma resistência nativa, após sua morte, na década de 1950 ocupa um papel na celebração do êxito do Estado português e sua empresa colonial. Por sua vez, Ngungunhana teria sido eleito herói nacional, especialmente pós-independência, tendo por função “unificar o imaginário coletivo criando assim uma identificação entre ele e o povo, tendo como base uma ideia de resistência”.



trajetória de Eduardo Mondlane; Samora Machel; Joaquim Chissano; e Armando Guebuza, todos líderes centrais da FRELIMO. As considerações sobre as demais fontes ficam, portanto, reservadas para uma outra etapa de divulgação da pesquisa.

### A Historiografia do Processo de Emancipação Moçambicana

A literatura consagrada sobre o processo de emancipação moçambicana indica sua longa e múltipla atuação. Da perspectiva portuguesa, as políticas de exploração e controle, acentuadas no contexto republicano e nacional salazarista, tornavam-se cada vez mais rígidas e hierárquicas<sup>3</sup>. No império ultramarino<sup>4</sup>, instrumentos de organização do trabalho (racismo, coerção física, desarticulação, mobilidade), de hierarquização dentre os colonizados<sup>5</sup>, de controle da imprensa<sup>6</sup>, e de vigilância sistemática contra hostis ao regime<sup>7</sup>, eram progressivamente utilizados para comando e manutenção colonial. Políticas que, de certa forma, foram bem sucedidas<sup>8</sup>. Ainda assim, intelectuais, imprensa, e associações religiosas, atuaram entre a primeira década do século XX até os anos 1940 contra esses postulados<sup>9</sup>.

<sup>3</sup> Ver: TEMBE, Joel das Neves. **História da Luta de Libertação Nacional**. Vol1. Maputo: Ministério dos Combatentes; Direcção Nacional de História, 2014. P.13

<sup>4</sup> A troca do termo colônia por “províncias” ultramarinas ocorre em 1951, objetivando evitar sanções nos fóruns internacionais, acabou por reforçar um sentimento de posse e responsabilidade portuguesa com seu “império”.

<sup>5</sup> Desde 1926, as colônias portuguesas estavam submetidas à Estatutos Indígenas. Ainda que com modificações até seu formato final, em 1961, na prática, o Estatuto foi um instrumento de controle da população local, por meio da crença da elevação do indígena ao *status* de assimilado. Ver: ZAMPARONI, Valdemir. **De escravo a cozinheiro: colonialismo e racismo em Moçambique**. 2.ed. Salvador: EDUFBA;CEO, 2012.

<sup>6</sup> A censura nas imprensas coloniais (sempre existente) foi acentuada com a Lei “João Belo” de 1926.

<sup>7</sup> Faço referência a criação da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) em 1945. Desde 1956, a PIDE passou a operar nas colônias portuguesas. Criado em 1945, substituída em 1969 pela Direcção Geral Segurança, extinta em 1974, em ultramar em 1975. Ver: NEWITT, Malyn. **História de Moçambique**. Portugal: Europa-América, Lda., 2012.

<sup>8</sup> Segundo Rocha, as greves em Lourenço Marques, até 1930, “manifestava-se pelos interesses materiais mais imediatos”, não emancipacionista. Ver: ROCHA, Aurélio. Vias de comunicação, indústria e emergência do proletariado. In: SERRA, Carlos. (org) **História de Moçambique**. Vol.1. Maputo: Livraria Universitária; Universidade Eduardo Mondlane, 2000.

<sup>9</sup> A primeira associação do tipo é identificada na formação do Grêmio Africano de Lourenço Marques, em 1908, tendo iniciativas semelhantes emergido em outras províncias após 1910. Ver: MOREIRA, José. Primeiras formulações nacionalistas. In: SERRA, Carlos. (org) **História de Moçambique**. Vol.1. Maputo: Livraria Universitária; Universidade Eduardo Mondlane, 2000.

Fruto da cisão do Grêmio e com apoio da população do subúrbio de Lourenço Marques, surge em 1920 o Congresso Nacional Africano de Moçambique, de cunho político e laços com instituições semelhantes sul africanas. A imprensa se organizou de forma sistemática e com forte oposição ao sistema colonial, tendo os irmãos Albasini atuação fundamental. Ambos fundadores de *O Africano* (1909/18) e *O Brado Africano* (1919/1936 – com interrupções e formatos diferentes). Ver: HOHKFELDT, Antonio; GRABAUSKA, Fernanda. “Pioneiros da imprensa em Moçambique: João Albasini e seu irmão” **Brazilian Journalism Research**. Vol.6, n.1, 2010, pp.195-214; SOPA, António; RIBEIRO, Fátima. (Org) **140 anos de imprensa em Moçambique**. Maputo: AMOLP, 1996.



É, contudo, na década de 1960 que o processo de emancipação do país se desenvolve na luta armada. Alguns elementos devem ser levados em consideração, dentre eles: o pan-africanismo e o contato dos moçambicanos com essas ideias<sup>10</sup>; a Casa dos Estudantes do Império, espaço no qual os jovens da colônia desenvolveram suas ideias de uma África livre e obtiveram formação intelectual; e o desencadeamento das independências africanas (entre 1956 a 1962, trinta e seis países se tornaram independentes).<sup>11</sup>

Em sua autobiografia, Joaquim Chissano ratifica a importância da experiência de africanos no exterior “De Portugal as coisas eram vistas mais claramente; havia mais informações. Mesmo assim, ainda não conhecíamos os movimentos de libertação que se desenhavam em Moçambique”, aqui narrando o período em que morou em Portugal para realização do curso de Medicina e frequentava a Casa dos Estudantes do Império.<sup>12</sup>

Retornando a historiografia, deve-se considerar, ainda, os fatos ocorridos em junho de 1960 no planalto de Mueda. Lá, camponeses, a Sociedade Algodoeira Africana Voluntária de Moçambique e a União Maconde, reuniram-se com administração colonial para pedir o fim do trabalho forçado, o direito a propaganda, abertura de lojas e venda livre por preços moderados de certos produtos alimentícios. Como resposta, foi determinada a prisão de dois líderes e o subsequente massacre de centenas de manifestantes.<sup>13</sup>

O Massacre de Mueda representa, nessas circunstâncias, o estopim para a luta armada. Concepção sedimentada já nos escritos de Eduardo Mondlane<sup>14</sup>, “Depois do

---

Soma-se ao cenário a atuação das organizações religiosas, assim, associações muçulmanas (como Associação de Socorro Mútuo e Ensino Islâmico Anjumam Anuara Isslamo), Igrejas separatistas (caso da Primeira Igreja Independente Negra, 1918), e a Missão Suíça (a partir de 1930) representaram formação e resistência ao *establishment* colonial português. Ver: DAVIDSON, A.B.; ISAACMAN, A.F.; PÉLISSIER, R. Política e nacionalismo nas Áfricas Central e Meridional. In: BOAHEN, Adu A. (org). **História Geral da África**. A África sobre dominação colonial: 1880-1935. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1985. p. 711; CRUZ E SILVA, Tereza. **Igrejas Protestantes no Sul de Moçambique e Nacionalismo**: o caso da Missão Suíça (1940-1974). Maputo: Univ. Eduardo Mondlane. p.4; THOMAZ, Omar Ribeiro. Contextos cosmopolitas: missões católicas, burocracia colonial e formação de Moçambique (notas de uma pesquisa em andamento). In: FRY, Peter. **Moçambique**: ensaios. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

<sup>10</sup> “Foi no estrangeiro que o nacionalismo moçambicano nasceu efetivamente”. Se Portugal era bem sucedido desarticulando sindicatos ou associações dentro de Moçambique, o grande fluxo de migração da mão de obra para fora do país, permitia que esses indivíduos – trabalhadores e estudantes – tivessem acesso às discussões políticas e pensamento moderno que o cercava. Ver: NEWITT, Malyn. **História de Moçambique**. Portugal: Europa-América, Lda., 2012. p.450.

<sup>11</sup> Ver: MARTINS, Helder. **Casa dos Estudantes do Império**: subsídios para a história do seu período mais decisivo (1953 a 1961). Lisboa: Editorial Caminho, 2017.

<sup>12</sup> CHISSANO, Joaquim Alberto. **Vidas, lugares e tempos**. 2.ed. Maputo: Texto Editores, 2014.

<sup>13</sup> HEDGES, David; CHILUNDO, Arlindo. A Contestação da Situação Colonial, 1945-1961. In: HEDGES, David (org). **História de Moçambique**: Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961. 2.ed. vol.2. Maputo: Livraria Universitária, 1999. p. 241.

<sup>14</sup> MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1995. p.98.



massacre, a situação no norte nunca mais voltou ao normal. Espalhou-se por toda a região um ódio amargo contra os portugueses e ficou de uma vez por todas demonstrado que a resistência pacífica era inútil"; mencionada na autobiografia de Chissano ao se referir a diferença de acesso de informação entre brancos e pretos (termo por ele utilizado); e ratificada em entrevista do então presidente Filipe Nyusi "Foi aqui que o vaso da paciência dos moçambicanos transbordou, o povo entregou-se à causa da Independência muito cedo porque sentiu a dor que foi o massacre de Mueda"<sup>15</sup>.

Foi neste cenário que surgiram, no exterior, os três primeiros movimentos de independência moçambicanos: Udenamo fundado no Zimbábue, em 1960; Unami criado no Malauí, 1961; e Manu, fundado pelos Macondes emigrados no Quênia e na Tanzânia, em 1962.<sup>16</sup> Por pressão ou conselho de Kwame Nkrumah (Gana) e Julius Nyerere (Tanzânia), esses grupos se juntaram formando a FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique –, em 1962, em Dar-es-Salaam, Tanzânia. O que se seguiu após a formação da FRELIMO foi uma longa guerra em prol da independência. Os primeiros combatentes foram treinados no norte da Argélia, mantendo-se a Tanzânia como retaguarda e Centro de Formação do *Homem Novo* – com auxílio chinês –, e a opção pelo modo de operação foi a concepção chinesa de guerra prolongada. Estratégia que estrangulava a opinião pública e os recursos portugueses, ao passo que, permitia a conquista de território e apoio dos camponeses para a FRELIMO.

Conhecida como "zonas libertadas" sua descrição é controversa, como mostram trechos do livro que se dedica a narrar a trajetória de Samora Machel<sup>17</sup> e aqui apresentadas:

As Zonas Libertadas proporcionaram simultaneamente um primeiro ensaio do que viriam a ser depois da independência os dispositivos de integração das comunidades rurais no projeto nacionalista revolucionários da FRELIMO e a base de sustentação para sua visão utópica em relação ao futuro de Moçambique independente. (BRITO [MACHEL], p.32)

As zonas libertadas assumiram uma posição mítica nas discussões sobre a história da FRELIMO, da história de Moçambique e do seu desenvolvimento. Esta referência mítica acabou por tornar-se numa utopia frequentes vezes referida, sobretudo quanto o quotidiano e as suas contradições são analisadas. (ADAM [MACHEL], p.37)

---

<sup>15</sup> Ver: **Massacre de Mueda foi o catalizador para luta contra o colonialismo – PR Moçambicano – Atualidade SAPO24**. Disponível em: [http://24.sapo.pt/noticias/internacional/artigo/massacre-de-mueda-foi-catalizador-para-luta-contra-colonialismo-pr-mocambicano\\_19371986.html](http://24.sapo.pt/noticias/internacional/artigo/massacre-de-mueda-foi-catalizador-para-luta-contra-colonialismo-pr-mocambicano_19371986.html) Acesso em 14 fev 2018.

<sup>16</sup> Cujá explicação detalhada só foi apresentada na autobiografia de Joaquim Chissano, fato que se explica como resultado da escolha narrativa do autor, que toma por baliza cronológica o seu nascimento até seu engajamento na "luta revolucionária".

<sup>17</sup> SOPA, Antonio (coord). **Samora**: homem do povo. Maputo: Maguezo Editores Lda., 2001.



A guerra durou de 25 de setembro de 1964 (com o ataque a base portuguesa de Chai no norte) à 7 de setembro de 1974 (momento em que Portugal e FRELIMO assinam os Acordos de Lusaka, na Zâmbia). Em 1974 houve levantes internos (portugueses e elites locais no sul, cuja região ainda não havia sido dominada pelos frelimistas) e a oficialização da independência foi realizada em 1975 na celebração dos treze anos da FRELIMO. Este, em 1977, tornava-se após o III Congresso, partido único e de orientação marxista-leninista.

Conquistada a independência, a FRELIMO enfrentaria outros problemas, como a fuga da mão de obra qualificada, descontentes internos e externos, e a guerra contra a RENAMO – Resistência Nacional Moçambicana – cujo treinamento e investimento vinham da Rodésia, África do Sul e Malauí. Os dois primeiros países, em parte, como resposta a posição de Moçambique contra os regimes racistas adotados por eles. A certa altura, a RENAMO estava presente em todas as províncias, recrutava descontentes e involuntários (sequestrados para formação guerrilheiros).<sup>18</sup> A guerra civil que se desencadearia a seguir levou o país, recém liberto, à beira do colapso. Com o fim da Guerra Fria e desgaste das forças de combate, em 1992 é assinado o Acordo Geral da Paz, FRELIMO e RENAMO, ambos agora como partidos políticos, passariam a disputar o poder institucional por outros meandros, que não a guerrilha<sup>19</sup> (HEDGES, 1999; NEWITT, 2012; TEMBE, 2014; MACAGNO, 2009; THOMAZ, 2008).

---

<sup>18</sup> Ver: HEDGES, David; CHILUNDO, Arlindo. A Contestação da Situação Colonial, 1945-1961. In: HEDGES, David (org). **História de Moçambique**: Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961. 2.ed. vol.2. Maputo: Livraria Universitária, 1999; NEWITT, Malyn. **História de Moçambique**. Portugal: Europa-América, Lda., 2012; TEMBE, Joel das Neves. **História da Luta de Libertação Nacional**. Vol1. Maputo: Ministério dos Combatentes; Direcção Nacional de História, 2014; MACAGNO, Lorenzo. “Fragmentos de uma imaginação nacional”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.24, no.70, 2009, pp.17-35; THOMAZ, Omar Ribeiro. “Escravos sem dono”: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v.51, no1, 2008, pp.177-214.

<sup>19</sup> A RENAMO nasce como corpo militar, sua posição contra a FRELIMO demorou a questionar o caráter monopartidário do partido, tampouco, pós-guerra civil, pode negar a importância da FRELIMO no processo de independência. Durante a guerra civil dizia-se lutar contra o “poder comunista” em Moçambique, pós-guerra, seu discurso recorre a necessidade de se alcançar uma democracia. A paz negociada inaugura o bipartidarismo a abertura à economia de mercado, sem críticas de ambos os partidos. Para José Brito “a RENAMO se acomodou no espaço político moçambicano, sem nunca ter conseguido transformar-se num verdadeiro partido político, a não ser do ponto de vista formal, limitando-se a viver da renda que a negociação do fim da guerra e, depois, a sua presença no parlamento lhe proporcionam” (BRITO, Luís de. Discurso político e pobreza em Moçambique: análise de três discursos presidenciais. In: \_\_\_\_\_. *(et.al)* **Pobreza, desigualdade e vulnerabilidade em Moçambique**. Maputo: IESE, 2010, p.58). Ao mesmo tempo, especialistas indicam que a simbiose entre Estado e partido promovida pela FRELIMO ao longo do período monopartidário, não foi revertida completamente no bipartidarismo, persistindo a influência hegemônica frelimista no governo (MACUANE, José J. O semipresidencialismo em Moçambique (1986a2008). In: LOBO, M.C; AMORIM NETO, O. **O semipresidencialismo nos Países de Língua Portuguesa**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009. ). Por último, indico que ainda que o



O que narro nessa seção – excetuando os trechos das fontes analisadas – é a memória universalizada nas obras sobre a guerra de independência de Moçambique. O exposto demonstra a riqueza do contexto e das emancipações africanas, contudo, exhibe a falta de sujeitos históricos em sua construção narrativa e o caráter unívoco do processo de emancipação e guerra civil – que longe de ser uma realidade, a forma foi aqui acentuada como recurso discursivo.

### ***As Escritas de Si como fonte de pesquisa***

Isto posto, apresento a análise das memórias publicadas dos indivíduos que lutaram no processo de emancipação moçambicana e ocuparam papel central na FRELIMO, permitindo desta forma que processos históricos sejam observados como narrado pelos sujeitos atuantes. Compreendendo, igualmente, que o contexto de produção e publicação dessas obras é fundamental para essas análises, pois, produzidas após a Guerra Civil, essas narrativas do passado são também formas de legitimação presente e de reafirmação dos mitos da origem nacional, como reforça a citação abaixo:

A partir da década de 1990, o país experimenta algumas transformações fundamentais: o fim da guerra civil, a implantação da democracia partidária e reformas no campo socioeconômico. Entretanto, e diante das incertezas do presente, a imagem de Machel era evocada como uma garantia de segurança. Mas isso assumia muitas vezes a forma de uma narração mítica<sup>20</sup>.

As narrativas de si eleitas como fonte estão ligadas ao projeto nacional que se institucionalizou com a independência, portanto, ligadas à FRELIMO e as “tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades”<sup>21</sup>. Da mesma forma, estão atadas ao projeto frelimista de reafirmação do seu papel como fundador da Nação depois da “guerra dos dezesseis anos”.

Para definição das fontes, enquanto *escritas de si*, compreendo suas subdivisões em autobiografias, biografias e histórias de vida, a partir das características apresentadas por Lígia Pereira<sup>22</sup>. De forma resumida, para autora: a autobiografia consiste na narrativa da própria existência; a biografia é a história do indivíduo contado por outro, que pode contar ou não com a narrativa do sujeito narrado; e a história de vida é um relato de um narrador

---

termo bipartidarismo seja usado na literatura, pois dois grupos tomam a cena política para si, houve na prática, uma adoção do pluripartidarismo.

<sup>20</sup> MACAGNO, Lorenzo. “Fragmentos de uma imaginação nacional”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.24, no.70, 2009, p.27.

<sup>21</sup> POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol2., no.3, 1989, p.9.

<sup>22</sup> PEREIRA, Lígia Maria Leite. “Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias”. **História Oral**, 3, 2000, p.118.



sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um intérprete. Em todos os casos não é possível ignorar o caráter seletivo, exemplar, construído e interpretativo das memórias narradas, como determina a literatura sobre o trabalho histórico a partir das memórias.

Título	Autor e Responsável pela publicação	ano da edição	tiragem	no. pag.	Editora	sujeito da memória
Lutar por Moçambique	Eduardo Mondlane * Isabel Casimiro (diretor de edição)	1995. 1ed. Moz. (1ªed.em Portugal, 1969)	3.100	199	Centro de Estudos Africanos (UEM), Coleção "Nosso Chão"	Autobiografia/ História de Vida
Samora: homem do povo	intelectuais moçambicanos e estrangeiros * António Sopa (editor científico)	2001	2.500	325	Maguezo Editores Lda., Coleção "Fora de Coleção"	Biografia
Armando Guebuza - um pouco de si. Fotobiografia	Luis Bernardo Honwana, entrevista e organiza Guebuza * Luis Cezerilo (coord. Editorial) António Sopa (coord científica)	2004, Maputo e Portugal	2.000	152	Moçambique e Editora + Texto Editora (portuguesa)	História de vida
Vidas, lugares e tempos	Joaquim Alberto Chissano	2.ed.2014 (1a.2010)	s/info	376	Texto Editores	Autobiografia

Por ordem de publicação, as fontes discutidas nesse artigo estão distribuídas nas categorias acima indicadas da seguinte forma:

Das características gerais do corpo documental indico alguns elementos importantes. Em 1995, *Lutar por Moçambique* retrata Eduardo Mondlane, cuja primeira edição foi publicada no ano de 1969, em Portugal, o que é bastante significativo. Afinal, foi publicada na metrópole, *antes* da independência. Em Moçambique, foi publicada um ano *depois* do fim da guerra civil e da primeira eleição multipartidária do país. Elementos importantes e que reverberam nas, também, simbólicas palavras finais da introdução do livro:

O objectivo desse livro é mostrar qual foi realmente o significado da colonização portuguesa para o africano traçar as verdadeiras origens da guerra, e tentar mostrar o que a luta significa para os seus participantes





e o que está surgindo dela em termos de novas estruturas sociais que poderão ajudar a moldar a África do futuro<sup>23</sup>.

Indicado como autobiografia por diferentes especialistas, o livro contém textos escritos pelo próprio Mondlane, entrevistas gravadas em base militares durante a luta de independência<sup>24</sup>, mas com disposição organizada *a posteriori*. Transita, portanto, entre a autobiografia e a história de vida, mas é somente propagada como na primeira classificação.

Com uma lacuna de seis anos, em 2001, temos a segunda biografia encontrada, agora de Samora Machel. A lacuna faz referência a todas as produções biográficas encontradas. Mondlane e Machel são indivíduos centrais no processo de independência e ocuparam as esferas de organização e centralização de poder na FRELIMO, portanto, não surpreende terem sido os primeiros com memórias publicadas.<sup>25</sup> O que reforça a concepção de que “a biografia, é sustentada pela ênfase na participação individual em eventos históricos”<sup>26</sup>, acentuada nos dois casos pela morte em nome ou em serviço da Nação, os colocando na categoria de mitos.

O livro analisado sobre as memórias de Samora Machel é uma compilação biográfica de autores moçambicanos e estrangeiros, de acadêmicos e de pessoas que conheceram e conviveram com Machel. Por esse motivo, quando citadas nesse artigo apresento também sobrenome do autor do capítulo. E as notas da editora trazem consigo considerações importantes sobre as motivações que justificam tal obra:

Vivemos o refluxo dos tempos eufóricos, iniciais. Estamos longe das marchas entusiásticas dos dias festivos e das jornadas de trabalho colectivo. [...] Nesta paisagem perduram ainda as palavras de Samora. A sua presença, por si só, galvanizava as multidões. Os seus comícios eram peças primorosas, intuitivamente orquestradas, procurando levar o estímulo, reforçar a determinação, cavar a certeza da vitória no coração do povo. E mesmo quando o poder que ele encarnava abriu as primeiras fissuras, era ainda nele que todos

<sup>23</sup> MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1995, p.27.

<sup>24</sup> O termo “luta pela independência” é mais frequentemente utilizado pelas fontes, exceto Guebuza, o que considero significativo na tentativa de distanciar-se do termo “guerra” assumindo a “luta” como forma de recuperar algo de direito.

<sup>25</sup> Análises sobre a construção do conceito de nação e o papel desempenhado por Mondlane e Machel no processo de construção identitária, por meio de biografias, já encontram alguma produção. Para Cristiano Matsinhe, ainda que os documentos da FRELIMO suscitem a ideia de responsabilidade coletiva, apresentados em nome e como vontade do povo, grande parte do material é assinada por Mondlane e Samora, “cujas posições de liderança, entre outros fatores, permitiram que seus pronunciamentos fossem transformados em cânones, passando a figurar como parte do panteão nacional”. Ademais, reconheço a existência de biografia de Machel produzida por Ian Christie, contudo, ela não compõem parte das fontes, pois já não se encontra disponível nas livrarias aos moçambicanos, ou seja, compreendo que a circulação ainda atual das obras analisadas é fundamental para se pensar numa memória que se ressignifica em tempos de paz e deseja sua manutenção. Ver: MUSSANHANE, Ana B. **Protagonistas da Luta de Libertação Nacional**. Maputo: Marimbique, 2012.

<sup>26</sup> PORTELLI, Alessandro. Como se fosse uma história: versões do Vietnã. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p.186. (Coleção Ideias).



acreditavam. Hoje, perante a realidade difícil que vivemos, é muitas vezes, Samora que recordamos<sup>27</sup>.

Como mencionei na abertura desse texto e o editor da obra reforça, a memória de Samora Machel não é parte do passado, ela é parte do presente na sociedade moçambicana, que quando relata o desejo de um país melhor faz menção aos “tempos de Samora”. Indicada por mim como parte do campo da biografia a leitura e análise desse documento evidencia outro elemento: a História de Moçambique se confunde com a História do próprio sujeito biografado e, assim, capítulos inteiros são dedicados aos elementos históricos do país.<sup>28</sup>

Por sua vez, a terceira fonte analisada foi *Armando Guebuza – um pouco de si*, de 2004. O livro é produzido nas modalidades da história de vida, portanto, o texto é resultado da entrevista de Guebuza concedida à Luis Bernardo Honwana (jornalista, integrante da FRELIMO, e alto funcionário de governos do Partido). Contudo o nome do entrevistador e organizador da obra não é apresentado na capa ou ficha técnica do livro, apenas há indicação de sua atuação (fulcral) na obra no prefácio por ele escrito. O livro é também definido como *fotobiografia*, cujo método de elaboração é apresentado no prefácio assinado por Honwana:

Não falo aqui do vulgar álbum promocional, reservado ao público que segue pelas revistas de grande circulação a vida privada dos artistas e princesas que lhe ocupam o imaginário e povoam os sonhos. Refiro-me àquele género de edição que se distânciava dessas propostas consumistas e se situa na prateleira do produto cultural porque resulta de métodos de pesquisa científicos e os seus materiais se organizam segundo técnicas expositivas rigorosas [...] A sua característica diferencial é o facto de a narração, a "estória" ser feita pela imagem, reservando-se para o texto a função de interpretar, clarificar, contextualizar a imagem. Fotobiografia é, afinal, a recolha e organização da documentação iconográfica que reconstitui o universo em que o homenageado se moveu e criou sua obra ou deixou seu contributo indelével<sup>29</sup>.

Armando Guebuza integra a FRELIMO desde 1964; faz parte do quadro estatal desde o Governo provisório, em 1986; em 2004 concorria pela primeira vez o cargo de presidente (eleito em 2005, reeleito em 2009), portanto, sua biografia vem à tona no contexto da disputa ao cargo presidencial, o que evidencia o uso político das memórias e a importância do contexto de publicação para análise, como ressalta o prefácio do livro publicado no ano das eleições:

<sup>27</sup> SOPA, Antonio (coord). **Samora**: homem do povo. Maputo: Maguezo Editores Lda., 2001, p. 05.

<sup>28</sup> Especialmente nos capítulos: O poder entre a utopia e a realidade, de Luís Brito; Samora Machel e o desenvolvimento de Moçambique, de Yussuf Adam; Samora e Desenvolvimento, de José Negão; e Samora e o Mundo, de Óscar Monteiro.

<sup>29</sup> HONWANA, Luis Bernardo. **Armando Guebuza – um pouco de si**. Fotobiografia. Maputo: Moçambique Editora; Lisboa: Texto Editora, 2004, p.7.



Se posso, por um breve momento, reinquadrar esta iniciativa editorial no calendário político do país e colocar-me na perspectiva do cidadão eleitor, penso que esta revelação do lado humano e sensível de Armando Emílio Guebuza, até aqui *segredo* dos que lhe são próximos, não é contributo menor deste livro que é essencialmente um livro de história.<sup>30</sup>

Aqui o poder político das memórias fica evidente e é reforçada também pelo autor:

É de louvar que um candidato, nestas ou em quaisquer outras eleições, se dê a conhecer àqueles que se propões servir - as suas origens, as suas vivências, o seu ambiente familiar - e os valores que aí se cultivam - os seus interesses, as suas preocupações, enfim, as suas convicções profundas e os ideais onde se filia, o seu pensamento e acção política. **Este conhecimento (ou a avaliação dos elementos que a ele possam conduzir) devia sempre enformar uma escolha política, o acto pessoalíssimo de votar, para além dos programas e manifestos que o jogo democrático exige e os partidos fornecem** (grifos meus)<sup>31</sup>.

Em um país cuja a taxa de alfabetização era de aproximadamente 48% em 2004<sup>32</sup>, uma fotobiografia do candidato da situação, que apresenta imagens sua com as lideranças centrais da FRELIMO (entre elas Mondlane, Machel e Chissano) e de lideranças de outros países, com certeza, imputa prestígio e garante votos. Imagem que foi vinculada por outros meios, como no Cartaz do Dia dos Heróis moçambicanos, divulgado pelo partido em 2003 e apresentado no livro. Nele, é possível observar imagens das quatro personagens históricas aqui tratados e o desenvolvimento do país.

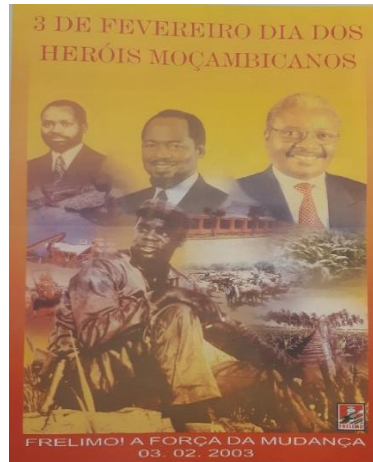
---

<sup>30</sup> HONWANA, Luis Bernardo. **Armando Guebuza** – um pouco de si. Fotobiografia. Maputo: Moçambique Editora; Lisboa: Texto Editora, 2004, p. 8. Sobre as estratégias políticas em períodos eleitorais ver: LOURENÇO, Vitor A. “Estado, Autoridades Tradicionais e Transição Democrática em Moçambique: questões teóricas, dinâmicas e estratégias políticas”. Cadernos de Estudos Africanos, 2009, pp.115-138. A respeito das mudanças e permanências das estruturas oficiais de poder de Moçambique ver: MACUANE, José J. O semipresidencialismo em Moçambique (1986a2008). In: LOBO, M.C; AMORIM NETO, O. **O semipresidencialismo nos Países de Língua Portuguesa**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

<sup>31</sup> HONWANA, Luis Bernardo. **Armando Guebuza** – um pouco de si. Fotobiografia. Maputo: Moçambique Editora; Lisboa: Texto Editora, 2004

<sup>32</sup> INDEXMUNDI. Moçambique. **Taxas de Alfabetização – Dados Históricos Gráficos**. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?c=mz&v=39&l=pt>. Acesso em 03 de dez 2019.





Fonte: Luis Bernardo Honwana. Aramando Guebuza – Um pouco de Si. Maputo, 2004, p.143.

Por fim, o livro autobiográfico de Joaquim Chissano, sucessor na presidência de Samora Machel, ocupando cargo entre os anos de 1986 a 2005; responsável pelo início das conversações de paz com a RENAMO e o processo de abertura política. O livro é uma biografia, publicada na primeira edição em 2010<sup>33</sup>, parte de um projeto maior do autor que anuncia o desejo de escrever outros volumes; esse abarca os anos de sua infância e juventude, até o momento em que se junta à FRELIMO em Dar-es-Salaam. O fato, contudo, não significa que não sejam apresentadas considerações sobre a luta pela independência e os momentos posteriores a ela, uma vez que a memória é composta por uma cronologia imposta por quem narra, os fatos narrados extrapolam a cronologia inicialmente estabelecida.

O autor é, ainda, generoso nos questionamentos sugeridos ao leitor, parte significativa deles questiona a validade da escrita de si, sua função e sua construção. Sem que o saiba, Chissano assim dialoga com a literatura especializada sobre esse tipo de fonte, questiona o seu posicionamento dentro do contexto e, portanto, o que lhe permite ser narrador de um tempo<sup>34</sup>; questiona a fragilidade da memória que nem sempre é linear, que é falha e reconstrói<sup>35</sup>; e questiona qual seria o interesse do leitor, como se pode observar:

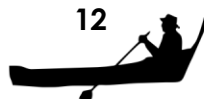
Que mais interessaria ao meu interlocutor saber? Imaginando-o como um jornalista, ouço a perguntar-me: "Que momentos alegres, para além das anedotas, me saltam à memória deste primeiro ano no Liceu de brancos?" Difícil adivinhar a resposta esperada pelo entrevistador. Mas não tenho nenhuma que seja bombástica. Que o meu interlocutor se satisfaça e viva a alegria e a simples emoção de entrar comigo pela primeira vez num museu, e ainda por cima um museu especial<sup>36</sup>.

<sup>33</sup> A edição analisada é a de número 2, datada em 2014. Registro ainda, que dentro os livros/fontes aqui apresentados é o único com mais de uma edição; do corpo documental integral, somente o livro de Sérgio Vieira, "Participei, por isso testemunho", possui 3 edições.

<sup>34</sup> CHISSANO, Joaquim Alberto. **Vidas, lugares e tempos**. 2.ed. Maputo: Texto Editores, 2014, p. 18.

<sup>35</sup> CHISSANO, Joaquim Alberto. **Vidas, lugares e tempos**. 2.ed. Maputo: Texto Editores, 2014, p. 168.

<sup>36</sup> CHISSANO, Joaquim Alberto. **Vidas, lugares e tempos**. 2.ed. Maputo: Texto Editores, 2014, p. 121.



Chissano, ainda, brinca com a coerência da sua descrição, “Teria isto acontecido assim mesmo ou é minha ficção que o passado longo tempo me obriga a criar?”<sup>37</sup>. No caso, o tema não era um assunto dos mais sérios, como sua atuação política, mas um flerte entre jovens, contudo reafirma, ainda assim, a atenção do pesquisador sobre a aparente coerência da memória.

Ao selecionar modalidades das *escritas de si* como fonte, reconheço a configuração das mesmas como meios de apreensão dos discursos produzidos e seus usos. Essas narrativas, portanto, demandam atenção à *Ilusão Biográfica*<sup>38</sup> cuja forma de produção do escrito – e do ocultado – indica elementos que fazem parte da construção coerente e sequencial, da “imagem” que o biografado, ou pessoas a ele afeitas, desejou tornar público. Da mesma forma “O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de *dizer o que houve*, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento”<sup>39</sup>.

As biografias, autobiografias e histórias de vida que compõem as fontes dessa pesquisa não serão analisadas como verdades acabadas, mas como relatos produzidos e organizados, em contextos históricos específicos, com vistas ao público alvo e interlocutores que devemos identificar, compreendo-as como visões de mundo construídas e postas em jogo.<sup>40</sup>

### Os temas centrais das fontes selecionadas

A leitura e análise das fontes foi sistematizada por temas centrais. Ainda que alguns temas tivessem ligação com outros, a escolha da divisão parte do princípio que é fundamental compreender os grandes temas que ocuparam a “agenda” ou a memória dos biografados a fim de melhor compreender a narrativa construída. Portanto, a divisão não é rígida ou fixa, mas permite a melhor compreensão dos interesses e das abordagens.

Em Eduardo Mondlane os temas mais abordados são: a História Colonial, a FRELIMO e a Educação. Índicios de uma obra construída ainda no período de guerra, cuja

<sup>37</sup> CHISSANO, Joaquim Alberto. **Vidas, lugares e tempos**. 2.ed. Maputo: Texto Editores, 2014, p.44

<sup>38</sup> BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

<sup>39</sup> GOMES, Ângela de Castro. Introdução. In: GOMES, Ângela de Castro. **Escritas de si, escritas da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.15.

<sup>40</sup> Indico ainda a leitura de: JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do século XXI. In: FERREIRA, M; FERNANDES, T; ALBERTI, V. (orgs.) **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. FioCruz/CPDOC, 2000; PORTELLI, Alessandro. “Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundo dos trabalhadores.” **Projeto História**, n.10, p.41-58, 1993.



explicação das motivações para o conflito é apresentada, bem como a defesa do grupo que o lidera; já a educação, ganha destaque, pois, acreditava Mondlane ser a via para transformação do país.

Segundo Mondlane a educação colonial “para africanos eram sobretudo agências difusoras da língua e cultura portuguesa”<sup>41</sup> tendo a FRELIMO tomado uma outra dimensão da função da dela, assim “Quando foi criada a FRELIMO, demos prioridade máxima a dois programas: o militar e o educacional”<sup>42</sup>. A educação foi colocada como central por vários motivos, entre eles: a compreensão do porquê a luta ser necessária e a educação formal como desenvolvimento da nação. Ademais, o líder afirma que a luta pela libertação nacional é também da revolução social que a acompanha, a educação nesse sentido terá que lidar com situações urgentes, como oferecer educação em diferentes níveis e resolver o índice de analfabetismo<sup>43</sup>.

A luta pela libertação, a guerra – quarto assunto mais abordado -, é vista por Mondlane como imposição de Portugal (visão que se repete nos outros três líderes), e não um desejo moçambicano; contudo, ele vê nela vantagens pós libertação, como observado no excerto a seguir:

Paradoxalmente, o fato de a guerra se desenrolar dessa forma, pode a longo prazo tornar-se uma vantagem para o nosso desenvolvimento posterior. **A guerra é um instrumento extremo de actividade política, que tende a provocar transformações sociais mais rapidamente do que qualquer outro, e num país tão atrasado como Moçambique, é essencial que haja uma transformação social rápida após a independência.** Porém, neste momento, a guerra é uma agonia. Deixa as pessoas sem casa, provoca fome, desvia a energia e o talento necessários aos projectos de desenvolvimento. Devido a ela, as pessoas morrem e são feridas. **Não escolhemos a guerra como caminho para atingir a independência nacional. A guerra foi-nos imposta.** Mas, dado que não temos presentemente outra alternativa, vale a pena reconhecer e tentar explorar os aspectos construtivos da luta armada<sup>44</sup>. (grifos meus)

A “guerra” é numericamente mais abordada no livro que se destina a narrar as ações de Samora Machel. Dentro desse tópico, narra-se as estratégias de guerra, a reestruturação das zonas libertadas e o sentimento de solidariedade nela fomentado, como se observa a seguir:

<sup>41</sup> MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1995, p.95.

<sup>42</sup> MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1995, p.137.

<sup>43</sup> MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1995, p.138.

<sup>44</sup> MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1995, p.167.



Se o processo de libertação foi um grande momento de heroísmo, a mobilização do apoio externo foi uma grande epopeia da amizade [...] A luta de libertação nacional foi, em primeiro lugar, a gesta de encontro/reencontro de moçambicanos - encontro de pessoas de regiões do país que certamente de outro modo nunca se viriam a encontrar -, ela foi também por causa disso reencontro consigo próprio" (MONTEIRO [MACHEL], p.49)

É menos frequente em Joaquim Chissano, quando se reafirma a imposição da guerra e sua luta como forma de conquista de independência e fim do fascismo; e é mencionada, de forma específica, apenas uma vez em Armado Guebuza. O fato é indício de que a memória sobre a guerra de independência vai perdendo força, ou necessidade de se explicar, enquanto narrativas sobre os temas “FRELIMO”, “Resistência” e o período “Independente” permanecem com o mesmo nível de atenção. O que não significa que ela (a guerra) não se mantenha em importância. Como demonstra a narrativa de Guebuza sobre o período de guerra:

Durante os dez anos da luta armada, luta revolucionária, criou-se um certo tipo de relações entre as pessoas nas zonas libertadas que são diferentes das relações existentes entre pessoas nas restantes zonas do país. As pessoas nas zonas libertadas dão mais valor ao ser humano. A guerra, longe de ter animalizado as pessoas, como se costuma dizer transformando as pessoas em animais que não dão valor à vida, transformou as pessoas em seres mais capazes de valorizar o outro ser humano. **A guerra criou uma nova maneira de ver as coisas, de ver os problemas, criou uma nova maneira de sentir entre as pessoas, que não existe ou não existiu durante muito tempo nestas outras zonas que não passaram pela forja da guerra.** Há mais preocupação pela situação e sofrimento ou de alegria dos seus colegas<sup>45</sup>. (grifos meus)

Aqui a defesa do valor da “guerra” é também a defesa do caráter de Armando Guebuza, que dela participou e, portanto, forjou uma forma de valorização do ser humano não existente em quem dela não participou, caso do seu concorrente à presidência no ano de 2004.<sup>46</sup> A biografia de Samora Machel, escrita por quatorze autores, traz entre os temas mais abordados os dados biográficos do autor, a FRELIMO, a Guerra, a Educação e o Homem Novo. Dentro os dados biográficos características sobre o caráter de Machel reforçam alertas realizados pela literatura sobre *escritas de si*, portanto, descrito como “predestinado”, “destemido” e “o que sempre tem a escolha certa” e toma decisões “sem hesitações”, as

<sup>45</sup> HONWANA, Luis Bernardo. **Armando Guebuza** – um pouco de si. Fotobiografia. Maputo: Moçambique Editora; Lisboa: Texto Editora, 2004, p.43.

<sup>46</sup> Até 2020 Afonso Dhlakama foi o candidato à presidência pela RENAMO em todas as suas participações no pleito. Líder da RENAMO desde 1984, quando o partido era ainda um grupo de guerrilha, o político faleceu em 2019. O candidato do partido, então, foi Ossufo Momade, também integrante da RENAMO do período da guerra civil.



narrativas corroboram com o imaginário ainda presente entre os moçambicanos, Samora Machel era um homem único.

Ademais, a atuação de Samora é em diversas vezes elevada para além do impacto em seu país, como preconiza o prefácio da esposa do líder, Graça Machel, “Sim, na história de libertação de Moçambique, na história da libertação da África, em particular da África Austral, Samora é incontestável”<sup>47</sup>. A perspectiva é reforçada em outros momentos, em especial, porque durante a guerra civil o apoio à RENAMO por parte dos países vizinhos que adotavam sistemas de *apartheid* foi denunciado pela FRELIMO, cuja liderança era ocupada por Samora, assim, o líder se torna também um combatente contra a segregação racial.

Os outros dois temas, “educação” e “homem novo”, guardam proximidades. Assim na II Conferência do Departamento de Educação e Cultura, ocorrida em 3 outubro de 1970:

Samora enfatiza a dimensão social e política da escola, a sua função na produção/transformação da sociedade. Num processo que visava a libertação da terra e dos homens, a educação deveria inserir-se nesse espaço de luta, formando as crianças e adultos para saberem viver e desenvolver suas capacidades e conhecimentos a serviço da construção da pátria moçambicana, livre de toda opressão, de dominação e exploração<sup>48</sup>.

Enquanto a caracterização do “homem novo” se dá nas seguintes bases:

Esse homem novo, segundo Machel, devia ser um homem enraizado culturalmente que valoriza os saberes e assume e enaltece os valores populares, livre do obscurantismo, da superstição, do individualismo e egoísmo burgueses, dotado de uma consciência colectiva, engajado na luta pela afirmação dos valores da nova sociedade, capaz de assimilar e utilizar a ciência ao serviço do povo<sup>49</sup>.

Para que a vitória fosse possível, para que a independência fosse real, tornava-se indispensável uma nítida demarcação entre os comportamentos, os hábitos, a linguagem e os valores dos patriotas moçambicanos e os defendido pela sociedade colonial. Para tal, era imperativo encorajar - e dirigir - a convergência das várias experiências numa experiência comum. E o núcleo desse processo só poderia ser a luta armada de libertação nacional e, em particular, o treino político-militar<sup>50</sup>.

Portanto, implica em um modelo educacional que abrange hábitos e atitudes. Para o antropólogo Lorenzo Macagno, a *moçambicanidade* (termo mencionado poucas vezes nas fontes, mas descrito em vários temas tangentes) assenta-se, na construção de um homem

<sup>47</sup> SOPA, Antonio (coord). **Samora**: homem do povo. Maputo: Maguezo Editores Lda., 2001, p.9.

<sup>48</sup> SOPA, Antonio (coord). **Samora**: homem do povo. Maputo: Maguezo Editores Lda., 2001, p.66-67.

<sup>49</sup> SOPA, Antonio (coord). **Samora**: homem do povo. Maputo: Maguezo Editores Lda., 2001, p.72.

<sup>50</sup> SOPA, Antonio (coord). **Samora**: homem do povo. Maputo: Maguezo Editores Lda., 2001, p.111.





novo, cujo papel da educação é de destaque.<sup>51</sup> Nessa perspectiva, por exemplo, os conhecimentos e valores tradicionais são tidos como superstição, obscurantismo, e a ciência vista como elemento a ser buscado, as divisões étnicas percebidas como tribalismo, sendo a adoção da língua portuguesa um estímulo a unidade. Ao mesmo tempo, essa identidade construída, trata de silenciar disputas internas frelimistas e suavizar práticas violentas do Estado adotadas até então, como as “ofensivas políticas e organizacionais” (como o apoio à lei da chicotada e a pena capital para quem atentasse contra o Estado) e os campos de reeducação, para opositores do Estado e do “homem novo”<sup>52</sup>.

Para Jason Sumich, o projeto de “modernização” de Moçambique, inaugurado pós independência, reformulado ao longo e depois da guerra civil e cujo discurso do “homem novo” é central, acabou por criar uma elite (não homogênea) que se sente responsável por esse processo, ao mesmo tempo, sua posição de elite econômica e de modelo da modernidade configura-se em reivindicação e justificativa de poder. Esse elemento aprofunda ainda mais a diferença entre a realidade vivida na zona rural e urbana, ainda que o *mato* seja reivindicado como discurso de legitimação de quem lutou na guerra e modo de educar os ociosos, ele passa gradualmente a representar o atraso, não capitalista. Expressões como “Maputo não é Moçambique”, recorrente entre os moradores da capital, dão indícios desses elementos. Ainda assim, as fontes pouco falam sobre esse conflito, apenas em Samora Machel existe explícita narrativa sobre o binômio campo/cidade.<sup>53</sup>

As constituições das identidades impostas e formuladas em Moçambique foram também alvo de pesquisa de José Cabaço<sup>54</sup>, intelectual moçambicano e que atuou nos quadros da FRELIMO e autor de um dos capítulos da biografia de Samora Machel. Para o autor, durante o colonialismo, a identidade imposta nos dualismos colonizador/colonizado e indígena/assimilado, que se estende por outros tantos, operam como reforço da opressão e da dominação. Independente, a FRELIMO passa a atuar como formuladora de identidade de Moçambique. Um nacionalismo que emerge discursivamente em prol da unidade, mas por contradições, expressas, por exemplo, nas disputas e cisões internas, cujo tema em geral é tabu.

---

<sup>51</sup> Educação que de início pretendia alcançar toda a sociedade, contudo, dado os poucos recursos, começou a se restringir à população urbana, acentuando a clivagem entre ela e a população rural. Ver: SUMICH, Jason. “Construir uma nação: ideologias de modernidade da elite moçambicana”. **Análise Social**, volXLIII, n.2, 2008, p.336.

<sup>52</sup> MACAGNO, Lorenzo. “Fragmentos de uma imaginação nacional”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.24, no.70, 2009, pp.17-35.

<sup>53</sup> SUMICH, Jason. “Construir uma nação: ideologias de modernidade da elite moçambicana”. **Análise Social**, volXLIII, n.2, 2008, pp.319-345.

<sup>54</sup> CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.



Toda organização política, por exemplo – sindicato, partido, etc. – veicula seu próprio passado e a imagem que forjou para si mesma. Ela não pode mudar de direção e de imagem brutalmente a não ser sob risco de tensões difíceis de dominar, de cisões e mesmo de seu desaparecimento, se os aderentes não puderem mais se reconhecer na nova imagem, nas novas interpretações de seu passado individual e no de sua organização. O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo<sup>55</sup>.

Uma unidade existente na esfera do ideal, porém longe de caracterizar as relações sociais e de poder constituídas no pós-independência e pós-guerra civil.

Trabalhando com relatos de guerra e mobilizando as interpretações das diferentes “raças” que compõe esse processo, Omar Thomaz desvela a complexidade da sociedade moçambicana, diretamente ligada ao acesso e legitimação de poder. A *grosso modo*, num processo discursivo no qual “África para os africanos” é reclamada, a população *preta* e os que lutaram no *mato*, e que, portanto, sofreram mais intensamente as agruras coloniais e a dureza das guerras, é reconhecida como corpus legítimo e ideal do ser moçambicano. Ao mesmo tempo, a memória dos “estrangeiros/outsidereiros”, dentre eles, indianos, portugueses, mistos e brancos (todos nascidos no país), também reclamam para si uma participação na construção nacional<sup>56</sup>.

Como já indicado a participação na luta de independência é identificada nas biografias como fundante de um pertencimento e solidariedade, questões étnicas e raciais são compreendidas como suplantadas no processo de preparação e luta pela independência. No que circunscreve a disputa de memórias por esses “outsiders” as fontes desse artigo não foram capazes de apresentar considerações, mas espera-se identificar elementos nas outras ainda por analisar.

Ainda assim, a categoria “Homem Novo”, cuja “moçambicanidade” é intrínseca, presente em Mondlane quando se referia a construção de uma educação para o crescimento do povo moçambicano, fortemente explorado nos textos que remontam à Samora Machel, já não é mais mencionado nas páginas dos livros de Chissano e Guebuza. Nesses dois, a “moçambicanidade” se apresenta, mas não pela construção de um homem novo, forjado numa educação específica; mas no papel da revolução e do partido, como expresso a seguir: “Confundindo-se com o Povo, a Nação e a Revolução, o partido único liberta e estimula,

---

<sup>55</sup> POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio” **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol2., no.3, 1989, p.10.

<sup>56</sup> THOMAZ, Omar Ribeiro. “Raça”, nação e status: histórias de guerra e relações raciais em Moçambique”. **Revista USP**, São Paulo, no.68, 2005-2006, pp.252-268.



numa fase inicial, energias, e uma grande vontade de transformações que invade os moçambicanos do Rovuma ao Maputo”<sup>57</sup>.

A autobiografia de Joaquim Chissano apresenta entre os temas mais recorrentes os Dados Biográficos, a Resistência à colonização, questões de Raça/Racismo, e a formação dos grupos que formam a FRELIMO. Como mencionado, a autobiografia faz parte de um projeto maior do personagem, e teve como objetivo narrar do seu nascimento à sua incorporação a FRELIMO em Dar-es-Salaam em 1963. O fato de certa forma explica o porquê da maior preocupação com os dados biográficos, resistência e formação de grupos de oposição ao regime, afinal são questões que permeiam fortemente esse período da vida de Chissano.

Na categoria “Racismo” encontra-se narrativas paradoxais, Chissano é categórico da não existência de distinções entre as crianças, a divisão seria oriunda do mundo adulto e inculcido, inclusive pelos próprios negros:

Aos recreios sempre brincávamos todos juntos, mulatos, pretos, indianos e brancos. As crianças não conhecem o racismo. Até as crianças brancas podem tomar os negros adultos como empregados domésticos, a imagem do que eles têm em casa. Mas nunca tomaram os negrinhos de sua idade como seres desiguais. Os pais maus é que os dividem. São eles que lhe ensinam palavras de inferiorizar. Os negros ensinam os seus a ter complexo de inferioridade, aquilo que perante os brancos adultos chamam de respeito<sup>58</sup>.

Ainda assim, o racismo emerge quando narra situações em contexto escolar, partindo dos funcionários (adultos), mesmo professores, ou de alguns colegas de classe (crianças); ou na dificuldade de transitar nos espaços destinados aos brancos, como o cinema. Joaquim Chissano afirma que nos anos 1940, o racismo e o *apartheid* em Moçambique, era pior do que o existente na África do Sul, assim, ainda que legalmente não houvesse separação tudo estava racialmente dividido<sup>59</sup>.

Próxima a categoria “racismo” Chissano também fala do pai “assimilado” e esse universo que flerta pertencer à “civilização”:

Não se pode ser totalmente assimilado. Há sentimentos que não podemos exprimir a não ser na nossa língua. A alma é o que nós somos:

---

<sup>57</sup> SOPA, Antonio (coord). **Samora**: homem do povo. Maputo: Maguezo Editores Lda., 2001, p.100.

<sup>58</sup> HONWANA, Luis Bernardo. **Armando Guebuza** – um pouco de si. Fotobiografia. Maputo: Moçambique Editora; Lisboa: Texto Editora, 2004, p.105.

<sup>59</sup> HONWANA, Luis Bernardo. **Armando Guebuza** – um pouco de si. Fotobiografia. Maputo: Moçambique Editora; Lisboa: Texto Editora, 2004, p.200.



ela [colega do pai, assimilada] não esperou pelo trabalho intelectual e disparou as palavras em Xitsonga<sup>60</sup>.

E eu, apesar de filho de assimilado, cantava com eles [músicas indígenas], com alegria porque a melodia era bela. Na prática não havia diferença entre nós, porque só o alvará da assimilação é o que nos distinguia<sup>61</sup>.

É difícil, porém, acreditar que a somente o alvará distinguia os assimilados, as oportunidades de trabalho e de estudos, por certo eram melhores para quem desse grupo pertencia. O que por si, explica a existência do Estatuto do Indígena como método de controle colonial ao fazer da exceção o desejo de um grupo maior. O próprio biografado foi um dos poucos negros a estudar no Liceu Salazar no período e obteve bolsas de estudos para Medicina em Portugal, espaços nos quais construiu grupos de discussão e resistência ao sistema colonial, o que lhe levou à Dar-es-Salaam.

Na história de vida de Armando Guebuza os grandes destaques são seus dados Biográficos e a relação com Eduardo Mondlane. Não que os outros dois sujeitos biografados não tenham enfatizado a relação, admiração e herança do legado de Mondlane, mas é Guebuza quem o faz em maior proporção. Talvez pela distância temporal entre a morte do líder e o ano de publicação da obra (fevereiro 1969 à 2014), Guebuza e o entrevistador tenham achado por bem enfatizar essas relações trazendo à tona um legado natural ao posto político almejado.

Em uma proporção bem menor a essas duas categorias mencionadas, outros temas são mencionados de forma equitativa, são eles: FRELIMO, Resistência, Educação, Independente. A narrativa retoma sua relação nos grupos de resistência; as práticas de formação da Frente de Libertação; a precariedade da Educação oferecida e, pós-independência, a necessidade de construir narrativas sobre Moçambique; e, por fim, o cenário enfrentado após a conquista da independência.

Dessa última categoria, “Independente”, destaco dois momentos abaixo transcritos:

Entramos agora numa nova vida [pós-independência]. Estamos aqui para trabalhar a fim de resolvermos em conjunto os problemas de todos e de cada um. Dentro em breve, vai tomar posse o Governo de Transição que orientará o nosso País até a independência e dirigirá o nosso trabalho comum, criando as bases de desenvolvimento económico, social e cultural da nossa terra<sup>62</sup>.

<sup>60</sup> HONWANA, Luis Bernardo. **Armando Guebuza** – um pouco de si. Fotobiografia. Maputo: Moçambique Editora; Lisboa: Texto Editora, 2004, p.76.

<sup>61</sup> HONWANA, Luis Bernardo. **Armando Guebuza** – um pouco de si. Fotobiografia. Maputo: Moçambique Editora; Lisboa: Texto Editora, 2004, p.265.

<sup>62</sup> CHISSANO, Joaquim Alberto. **Vidas, lugares e tempos**. 2.ed. Maputo: Texto Editores, 2014, p.57.



Há muita gente que pensa que a liberdade chega no dia em que o governo estrangeiro sai. Há muita gente que não sabe que o problema principal que se coloca é que devemos liberta-nos mentalmente. É nas nossas próprias cabeças que existe o colonialismo. Por isto nós devemos estudar a melhor maneira de acabar esse colonialismo que está conosco mentalmente, para podermos ficar livres<sup>63</sup>.

Apresentados na obra como narrativas biográficas, ambos são trechos de pronunciamentos de Guebuza no ano de 1974, o primeiro transmitido via rádio à população, o segundo em comício na cidade de Beira. A História de vida que toma por sujeito central Armando Guebuza retoma discursos e textos do tempo da guerra, como válidos no período de sua publicação, 2014.

### **Das construções do “inimigo”**

Se consideramos que as construções dos discursos de si operam na relação entre o *eu* e o *outro*, pois são constituídos de um sentimento de identidade “em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, e credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com o outro”<sup>64</sup> e são reformuladas no presente com base nas lembranças passadas, podemos afirmar que essas narrativas contribuem para compreensão de outros atores sociais, tal como a RENAMO.

Terminada a luta pela independência, inicia-se o longo período da guerra civil. Nenhuma das fontes narra esse período, uns porque não vivenciaram, outros por opção narrativa. Ainda assim, a RENAMO é identificada nas fontes como “bandidos armados”, “forças de desestabilização”, “reacionários”, “grupo contrarrevolucionários”; e sua formação e atuação, articulada e financiada pelos regimes segregacionistas, da Rodésia e da África do Sul. Ainda que a literatura especializada sobre o período da guerra civil indique que ambos, FRELIMO (partido único, portanto, um partido/Estado) e RENAMO, utilizaram da violência contra a população, ainda que com propósitos ou justificativas distintos<sup>65</sup>

<sup>63</sup> CHISSANO, Joaquim Alberto. **Vidas, lugares e tempos**. 2.ed. Maputo: Texto Editores, 2014, p.59.

<sup>64</sup> POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social” **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.204.

<sup>65</sup> No que circunscreve a Frelimo, a adoção de um caráter moral revolucionário no qual “homens e mulheres deveriam ser trabalhadores exemplares, e a construção do socialismo passaria pela necessária eliminação dos inimigos e pela superação dos comportamentos associados aos vícios do colonialismo e do capitalismo” (THOMAZ, Omar Ribeiro. “Escravos sem dono”: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v.51, no1, 2008, p.179), justificou a criação, por exemplo, de *machambas* e campos de reeducação. Ambos associados ao *ethos* rural, valorização do trabalho no campo e a produção de gêneros alimentícios, contudo, na *machamba* o trabalho era sazonal e sua existência deveria vir acompanhada dos serviços do Estado, tal como educação e saúde; já os campos de reeducação eram, na prática, prisões para as quais *suspeitos* e *acusados* eram enviados para aprender os valores do “homem novo”. Para os agentes do Estado o envio de um indivíduo com vícios para a reeducação era considerado a continuidade da revolução e a forma de criar a nação socialista, contudo, para esses indivíduos raptados, o campo era a ruptura com a vida construída, e provável



No contexto de produção e publicação das fontes da pesquisa a RENAMO, agora partido político, buscava desassociar-se da imagem de “bandidos armados” e assumiam uma política “eticista” em suas reivindicações, que se opunha ao discurso oficial da FRELIMO de “unidade nacional”, cujas especificidades locais foram suprimidas pela *moçambicanidade*<sup>66</sup>. Nesse sentido, autoridades hereditárias que haviam sido destituídas do poder pela FRELIMO após a independência, eram cooptadas pela RENAMO, assim como outros descontentes<sup>67</sup>. O multipartidarismo, em especial, a atuação da RENAMO entre os descontentes, aviva a necessidade da FRELIMO em reafirmar seu papel na construção do país. Ainda que Guebuza afirme em entrevista de 2003, apresentada no livro de 2014, que o multipartidarismo já não era um problema pra FRELIMO muito antes do fim da guerra civil; as negociações de paz apenas interessavam para que o país e suas instituições fossem respeitadas<sup>68</sup>

### Considerações Finais

O uso de *escritas de si* como fonte histórica, inclusive para a História de Moçambique, tem emergido como potencialidade para se compreender contexto e leituras dos mesmos. Cristiano Matsinhe<sup>69</sup> é um desses exemplos. Tendo estudado textos sobre a trajetória de Machel e Mondlane<sup>70</sup>, seu esforço evidencia a legitimidade do uso de

---

morte ao longo do cativo. Se a fuga era impossível, os perigos da natureza uma certeza, a falta de conhecimento prévio sobre o trabalho no campo uma dificuldade (muitos vinham de centros urbanos), esses indivíduos ainda precisavam conviver com a ameaça constante do sequestro, assassinato ou uso de sua força pela RENAMO, que realizava constantes incursões em todo o país (THOMAZ, Omar Ribeiro. “Escravos sem dono”: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v.51, no1, 2008, pp.191-198).

<sup>66</sup> MACAGNO, Lorenzo. “Fragmentos de uma imaginação nacional”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.24, no.70, 2009, p.20.

<sup>67</sup> WEST, Harry G. “Governem-se vocês mesmos!” Democracia e carnificina no Norte de Moçambique. **Análise Social**, vol.XLII, 2008, pp.347-368. A relação entre FRELIMO e as Autoridades Tradicionais rurais é oscilante e conflituosa. Durante a guerra da independência as AT eram tidas como apoiadoras e facilitadoras da manutenção dos territórios conquistados; pós- independência, o poder e influência dessas AT foi contestada pelo seu caráter tradicional e ligação com mundo colonial; sabendo a RENAMO aproveitar-se do descontentamento. Pós anos 1990, com o bipartidarismo e as pressões externas para reconhecimento das AT, FRELIMO mantém um discurso/postura oscilante quanto esses indivíduos, numa tentativa de diminuir a influência da RENAMO e retroalimentar sua força política (Ver: LOURENÇO, Vitor A. “Estado, Autoridades Tradicionais e Transição Democrática em Moçambique: questões teóricas, dinâmicas e estratégias políticas”. **Cadernos de Estudos Africanos**, 2009, pp.115-138).

<sup>68</sup> CHISSANO, Joaquim Alberto. **Vidas, lugares e tempos**. 2.ed. Maputo: Texto Editores, 2014.

<sup>69</sup> MATSINHE, Cristiano. Biografia de heróis no imaginário nacionalista moçambicano. In: FRY, Peter. **Moçambique: ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

<sup>70</sup> Para Eduardo Mondlane, o autor utiliza material biográfico produzido pelo líder: um direcionado ao pastor da Igreja Presbiteriana, uma autobiografia produzida no contexto da guerra, ambos compilados em Reis e Muiuane (1975); e livro autobiográfico, com memórias de infância, escrito a pedido de Clerc, tutor e amigo, (Chitlango: filho do chefe). Para Samora Machel utiliza obras escritas por Barry Munslow (1987) e Iain Christie (1988, publicação em Portugal somente 1996), ambos estrangeiros como destaca o próprio pesquisador.



modalidades de *escritas de si* para compreensão da construção de projetos do indivíduo e de nação, bem como, ao comparar diferentes narrativas dos mesmos indivíduos, a possibilidade de observar as mudanças discursivas sobre as experiências, em grande medida, influenciadas pelo público alvo e pelo contexto de produção. “Pode-se dizer que as autobiografias e biografias se constituem em materiais privilegiados tanto para analisar a emergência de diferentes formas de auto-representação, de construção de identidade e de legitimação, quanto para analisar processos sociais e institucionais”<sup>71</sup>.

Ao longo do presente artigo, as fontes são apresentadas como visões de mundo construídas sobre um período histórico, relidas *a posteriori*, quando o inimigo que se apresentava era outro e a rememoração (da importância da atuação e da liderança desses personagens) era essencial para manutenção do poder político.

Ainda que os temas centrais das fontes variem, em especial se comparadas nos blocos Mondlane/Machel e Chissano/Guebuza, eles são indicativos das discussões que se fazem emergentes para legitimar a manutenção do poder político da FRELIMO, recorrendo os dois primeiros à sua atuação destacada no processo de libertação e, os dois últimos mencionados, além do papel exercido no processo de libertação, recorrem à herança (proximidade) das figuras de Mondlane e Machel.

Da mesma forma, a RENAMO é observada como o *inimigo* do passado, ainda que não nomeadas pela sigla, mas pelas representações enquanto “mercenários dos países de oposição”, mas igualmente um opositor do presente, mas para o presente a omissão é a estratégia das narrativas, ou seja, não se identifica nominalmente o grupo a fim de que se quer sejam considerados como agentes atuantes no contemporâneo.

Quanto aos mais variados personagens que atuaram na luta pela emancipação, há a menção de outros indivíduos aos quais se atribui importância, mas a relevância é menor se comparado aos protagonistas das fontes. Ademais, existe um silenciamento de dissidentes frelimistas e das mulheres soldados<sup>72</sup>, igualmente um silêncio sobre elementos criticados da

---

<sup>71</sup> MATSINHE, Cristiano. Biografia de heróis no imaginário nacionalista moçambicano. In: FRY, Peter. **Moçambique**: ensaios. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001, p.223. Ver ainda Marcelo BITTENCOURT, Marcelo. “Memórias da guerrilha: a disputa de um valioso capital”. **História Oral**, 2, 1999. O autor que oferece leituras afins ao aqui apresentado. Trabalhando com os relatos de dois indivíduos pertencentes ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e que ocuparam cargos importantes no Estado já independente, o autor discute, compara e analisa as lembranças que se sobressaem e a leitura de cada um desses indivíduos do processo por eles vivenciado. No geral, a biografia de Kiluanji é vista como forma de veicular aspirações diante da reordenação do Estado, enquanto a entrevista realizada com Benigno demonstra adaptação ao jogo político em voga no país.

<sup>72</sup> O tema da atuação das mulheres será explorado em outra oportunidade, mas indica-se a leitura de MUSSANHANE, Ana B. Protagonistas da Luta de Libertação Nacional. Maputo: Marimbique, 2012;



atuação da FRELIMO, em especial sobre os campos de reeducação e as disputas étnicas. Mondlane, Machel, Chissano e Guebuza se colocam como construtores do país, bem como da população que a compõe, construtores da Nação.

**Data de submissão:** 22/04/2021

**Data de aceite:** 10/12/2021

---

KATTO, Jonna. A avó guerrilheira: memórias de vida de mulheres que lutaram pela independência de Moçambique no Norte de Niassa. s.l.: Talinna, 2018.





## Fontes

CHISSANO, Joaquim Alberto. **Vidas, lugares e tempos**. 2.ed. Maputo: Texto Editores, 2014.

HONWANA, Luis Bernardo. **Armando Guebuza** – um pouco de si. Fotobiografia. Maputo: Moçambique Editora; Lisboa: Texto Editora, 2004.

MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1995.

SOPA, Antonio (coord). **Samora: homem do povo**. Maputo: Maguezo Editores Lda., 2001.

## Referências Bibliográficas

BARRETO, Isabel. “Independência e criação de heróis nacionais: exemplos de Moçambique” **Revista Contemporânea**. Ano 1, no.1, 2011, p.203-221.

BITTENCOURT, Marcelo. “Memórias da guerrilha: a disputa de um valioso capital”. **História Oral**, 2, 1999, p.21-110.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1988,

BRITO, Luís de. Discurso político e pobreza em Moçambique: análise de três discursos presidenciais. In: \_\_\_\_\_. (et.al) **Pobreza, desigualdade e vulnerabilidade em Moçambique**. Maputo: IESE, 2010.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

CRUZ E SILVA, Tereza. **Igrejas Protestantes no Sul de Moçambique e Nacionalismo: o caso da Missão Suiça (1940-1974)**. Maputo: Univ. Eduardo Mondlane.

DAVIDSON, A.B.; ISAACMAN, A.F.; PÉLISSIER, R. Política e nacionalismo nas Áfricas Central e Meridional. In: BOAHEN, Adu A. (org). **História Geral da África**. A África sobre dominação colonial: 1880-1935. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1985.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

GOMES, Ângela de Castro. Introdução. In: GOMES, Ângela de Castro. **Escritas de si, escritas da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HEDGES, David; CHILUNDO, Arlindo. A Contestação da Situação Colonial, 1945-1961. In: HEDGES, David (org). **História de Moçambique: Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961**. 2.ed. vol.2. Maputo: Livraria Universitária, 1999.

HOHKFELDT, Antonio; GRABAUSKA, Fernanda. “Pioneiros da imprensa em Moçambique: João Albasini e seu irmão” **Brazilian Journalism Research**. Vol.6, n.1, 2010, pp.195-214.

INDEXMUNDI. Moçambique. **Taxas de Alfabetização – Dados Históricos Gráficos**. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?c=mz&v=39&l=pt>. Acesso em 03 de dez 2019.



JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do século XXI. In: FERREIRA, M; FERNANDES, T; ALBERTI, V. (orgs.) **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. FioCruz/CPDOC, 2000.

KATTO, Jonna. **A avó guerrilheira: memórias de vida de mulheres que lutaram pela independência de Moçambique no Norte de Niassa**. s.l.: Talinna, 2018.

LOURENÇO, Vitor A. “Estado, Autoridades Tradicionais e Transição Democrática em Moçambique: questões teóricas, dinâmicas e estratégias políticas”. **Cadernos de Estudos Africanos**, 2009, pp.115-138.

MACAGNO, Lorenzo. “Fragmentos de uma imaginação nacional”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.24, no.70, 2009, pp.17-35.

MACUANE, José J. O semipresidencialismo em Moçambique (1986a2008). In: LOBO, M.C; AMORIM NETO, O. **O semipresidencialismo nos Países de Língua Portuguesa**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

MARTINS, Helder. **Casa dos Estudantes do Império: subsídios para a história do seu período mais decisivo (1953 a 1961)**. Lisboa: Editorial Caminho, 2017.

**Massacre de Mueda foi o catalizador para luta contra o colonialismo – PR Moçambicano – Atualidade SAPO24**. Disponível em: [http://24.sapo.pt/noticias/internacional/artigo/massacre-de-mueda-foi-catalizador-para-luta-contra-colonialismo-pr-mocambicano\\_19371986.html](http://24.sapo.pt/noticias/internacional/artigo/massacre-de-mueda-foi-catalizador-para-luta-contra-colonialismo-pr-mocambicano_19371986.html) Acesso em 14 fev 2018.

MATSINHE, Cristiano. Biografia de heróis no imaginário nacionalista moçambicano. In: FRY, Peter. **Moçambique: ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MOREIRA, José. Primeiras formulações nacionalistas. In: SERRA, Carlos. (org) **História de Moçambique**. Vol.1. Maputo: Livraria Universitária; Universidade Eduardo Mondlane, 2000.

MUSSANHANE, Ana B. **Protagonistas da Luta de Libertação Nacional**. Maputo: Marimbique, 2012.

NEWITT, Malyn. **História de Moçambique**. Portugal: Europa-América, Lda., 2012.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. “Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias” **História Oral**, 3, 2000, p.117-127.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social” **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio” **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol2., no.3, 1989, p.3-15.

PORTELLI, Alessandro. “Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundo dos trabalhadores.” **Projeto História**, São Paulo, n.10, 1993, p.41-58.

PORTELLI, Alessandro. Como se fosse uma história: versões do Vietnã. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p.185 – 208. (Coleção Ideias).

ROCHA, Aurélio. Vias de comunicação, indústria e emergência do proletariado. In: SERRA, Carlos. (org) **História de Moçambique**. Vol.1. Maputo: Livraria Universitária; Universidade Eduardo Mondlane, 2000.



SOPA, António; RIBEIRO, Fátima. (Org) **140 anos de imprensa em Moçambique**. Maputo: AMOLP, 1996.

SUMICH, Jason. “Construir uma nação: ideologias de modernidade da elite moçambicana”. **Análise Social**, vol. XLIII, n.2, 2008, pp.319-345.

TEMBE, Joel das Neves. **História da Luta de Libertação Nacional**. Vol1. Maputo: Ministério dos Combatentes; Direcção Nacional de História, 2014.

THOMAZ, Omar Ribeiro. “Escravos sem dono”: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v.51, no1, 2008, pp.177-214.

THOMAZ, Omar Ribeiro. “Raça”, nação e status: histórias de guerra e relações raciais em Moçambique”. **Revista USP**, São Paulo, no.68, 2005-2006, pp.252-268.

THOMAZ, Omar Ribeiro. Contextos cosmopolitas: missões católicas, burocracia colonial e formação de Moçambique (notas de uma pesquisa em andamento). In: FRY, Peter. **Moçambique: ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

ZAMPARONI, Valdemir. **De escravo a cozinheiro: colonialismo e racismo em Moçambique**. 2.ed. Salvador: EDUFBA;CEO, 2012.

WEST, Harry G. “Governem-se vocês mesmos!” Democracia e carnificina no Norte de Moçambique. **Análise Social**, vol.XLII, 2008, pp.347-368.

